

APRESENTAÇÃO

A Revista MATRAGA, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), editada desde 1986, apresenta o seu número 24, relativo a janeiro-junho de 2009. O tema escolhido para esta edição – Teorias Gramaticais Contemporâneas – tem perfil inerentemente plural: aqui se desenha uma variedade que julgamos representativa da teorização gramatical contemporânea e suas aplicações. Parte desses textos oferece as linhas gerais de uma dada teoria ou de teorias afins, outra detém-se em uma ou outra particularidade da estruturação linguística.

Abre a revista o artigo de Carlos Gouveia, da Universidade de Lisboa, intitulado “Texto e gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional”. O autor apresenta, neste texto, os pressupostos teórico-metodológicos da linguística sistêmico-funcional, a par de esboçar o percurso histórico deste arcabouço teórico com base nas contribuições de Halliday para a linguística funcional de extração anglófona, que tem suas origens em estudos de Firth e Malinowski sobre as relações entre língua e usos linguísticos. Trata-se de contribuição de extrema relevância para pesquisadores e estudantes de pós-graduação no Brasil, tendo em vista o fato de ser a única apresentação detalhada do quadro teórico publicada em língua portuguesa no Brasil.

Ao artigo de Gouveia segue o de Lúcia Pacheco de Oliveira, que também representa grande contribuição pelo ineditismo do seu tema, como indica o título do trabalho: “Linguística de corpus: teoria, interfaces e aplicações”. Além da discussão de aspectos teóricos e metodológicos de uma nova área de investigação nos estudos da linguagem, e da apresentação das interfaces entre a pesquisa nesta e em outras áreas, o artigo descreve o desenvolvimento da linguística de corpus no Brasil, arrolando uma ampla gama de estudos sobre o uso da língua portuguesa, a partir de corpus constituído na PUC-Rio.

Em “Introdução à linguística cognitiva”, Valéria Coelho Chiavegatto, dando consistência e coerência à proposta temática da revista de apresentar um leque variado de teorias gramaticais, aborda o funcionalismo linguístico a partir de pressupostos cognitivos. Neste artigo, a autora argumenta que a linguística cognitiva dá continuidade a investigações da língua em uso ao abordar contextos reais de comunicação, analisando-os sob a perspectiva da cognição social. Também

aqui é feito um traçado histórico de conceitos caros à linguística cognitiva, tomando-se como ponto de partida Saussure e o rumo das pesquisas linguísticas no século XX.

Mariangela Rios de Oliveira e Sebastião Votre, autores de "A trajetória das concepções de *discurso* e de *gramática* na perspectiva funcionalista", dão continuidade às contribuições teóricas deste volume, ao apresentarem o percurso histórico da linguística funcional norte-americana desde a década de setenta. No texto, os autores fazem um apanhado de estudos voltados para aspectos do uso linguístico no contexto acadêmico internacional e no Brasil. O vasto panorama traçado pelos autores permite-lhes um balanço crítico deste quadro teórico, a partir da análise da pauta atual da pesquisa funcionalista de orientação norte-americana e de seus desdobramentos.

Ponderando sobre a distinção entre os atributos 'formal' e 'funcional' comumente aplicados a modelos de funcionamento da linguagem, Érica Rodrigues e Marina Augusto destacam a Gramática Gerativa chomskyana como o mais conhecido exemplo de teoria que faz uso de uma notação matematicamente precisa para explicar os mecanismos que definem as estruturas linguísticas. O uso de simbolismo matemático para conferir precisão às explicações é uma marca de outros modelos de análise que compartilham com a teoria gerativa a concepção de língua como um sistema de representação mental. O artigo oferece uma análise comparativa dos aspectos gerais de três desses modelos: o Programa Minimalista, a *Lexical Functional Grammar* e a *Head-Driven Phrase Structure Grammar*.

Raquel Freitag escolheu a alternância entre formas verbais imperfectivas de tempo passado para discutir a aplicabilidade de modelos de análise sociolinguística à descrição de fenômenos variáveis no plano gramatical, isto é, para além da fonologia, tendo em vista a influência de fatores morfossintáticos, semânticos e pragmáticos. A análise da variação, em sua versão clássica, tem por meta esclarecer as razões do emprego de formas alternativas de comunicar um mesmo conteúdo. A autora pondera que o critério estritamente quantitativo, de viés marcadamente formal e tão bem sucedido na análise da variação fonológica, tem limitações quando aplicado ao plano da língua cujas unidades são, elas próprias, portadoras de significado. Na sequência, a autora examina modelos alternativos, como os funcionalistas, que tratam da gramática como forma de organização emergente do uso.

O artigo de Tania M. G. Shepherd compartilha com o de Lucia Pacheco de Oliveira o ineditismo do tema. Intitulado “O estatuto da linguística de corpus: metodologia ou área da linguística?”, o trabalho mantém o foco teórico dos primeiros artigos da revista ao propor uma reflexão sobre a natureza da investigação linguística com base em corpora digitais. Seu artigo demonstra, ainda, as possibilidades abertas pela linguística de corpus no estudo dos usos linguísticos ao fazer o relato de “pesquisas realizadas no âmbito dos estudos de inglês como língua estrangeira em corpora de aprendiz brasileiro”.

Maria Luiza Braga abre as contribuições descritivas deste volume, com o artigo intitulado “Construções clivadas no português do Brasil sob uma abordagem funcionalista”. Após a caracterização e descrição de duas construções clivadas e suas variantes, sob a perspectiva do seu grau de gramaticalização no português falado no Brasil, a autora aborda a distribuição de informação nessas construções e finaliza seu artigo com considerações sobre o papel funcional das construções clivadas na sinalização de contraste.

Sérgio Menuzzi e Gabriel Othero abordam a movimentação de constituintes em frases interrogativas pela ótica da Teoria da Otimidade. Nas línguas em geral, tal movimentação está sujeita a três condições: Marcação Morfológica, Focalização e Economia. Comparando frases interrogativas em inglês, chinês, português e búlgaro, observam que as diferenças estruturais características dessas línguas para construir a frase interrogativa resultam do modo como as respectivas gramáticas hierarquizam essas condições. Cada hierarquização resulta em uma “gramática” diferente, e o que uma criança deve fazer quando adquire sua língua é descobrir qual a hierarquia que vale para ela.

O assunto do artigo de Larissa Ciríaco e Márcia Cançado é a alternância entre construções de que participam, tipicamente, verbos como ‘quebrar’: João quebrou a janela / A janela quebrou. Temos uma variação entre construção transitiva de teor causativo e construção ‘intransitiva’ – ou mais exatamente ‘ergativa’ –, que compartilham o argumento interno paciente ‘a janela’. Essa espécie de alternância não se verifica, porém, com verbos como ‘cortar’, haja vista a impossibilidade de ‘O papel cortou’ em confronto com ‘O menino/a gilete cortou o papel’. A explicação para essa diferença entre os verbos ‘quebrar’ e ‘cortar’ pode ser buscada na caracterização dos papéis temáticos (funções semânticas) assumidos pelo argumento externo (sujeito da construção transitiva) dessas frases.

A variação entre construções do tipo *Aquela loja vende livros/ Naquela loja vende livros*, no português brasileiro, é explicada por Juanito Avelar em "Inversão locativa e sintaxe de concordância no português brasileiro" à luz dos princípios teóricos da vertente minimalista da sintaxe gerativa. Segundo sua análise, o sintagma preposicional *naquela loja*, um típico adjunto adverbial de lugar, é deslocado para o início da frase como se passasse a desempenhar o papel de sujeito. O valor locativo inerente aos segmentos 'aquela loja' e 'naquela loja' é seguramente uma pista para a possibilidade da variação; o autor, no entanto, explica-a pelos meandros da teoria minimalista, sugerindo que unidades como *ai/aqui/ali/lá*, pronomes aptos a exprimir lugar sem qualquer marca formal adicional, seriam formas latentes nas construções analisadas (*Aquela loja lá ~ Lá naquela loja*). As construções analisadas constituem uma peculiaridade do português brasileiro em face da modalidade europeia.

Anna Elizabeth Balocco
José Carlos de Azeredo